

# As utopias militantes como lugares de constituição do sentido \*

António Teixeira Fernandes

**Resumo:** As utopias militantes, em construção ou em realização nas sociedades contemporâneas, radicam nas tradições culturais do Ocidente, nomeadamente no espírito apolíneo e dionisíaco e nas orientações milenarista e utópica. Em vários domínios da realidade colectiva, se desenvolvem actualmente tais utopias. Elas surgem com destaque nos novos movimentos sociais. Mas o campo político, o espaço social das cidades, a actividade laboral e o mundo religioso constituem igualmente lugares adequados à sua emergência. Em todos os espaços de busca de sentido tendem a aparecer utopias mobilizadoras.

As sociedades ocidentais são, na actualidade, cenário de algumas transformações, consequência de crises e de contradições que as atravessam. As crises aparecem bem patentes ao nível da gestão das coisas públicas, afectando os sistemas de decisão e de governo; ao nível das relações sociais, com a generalização do individualismo e a ruptura das redes de solidariedade; ao nível dos valores e da cultura, originando novas buscas de sentido. A margem de liberdade dos decidores estreita-se em todos os domínios, desde o Estado às instituições e às empresas. Se se

---

\* Conferência proferida no XV<sup>e</sup> Congrès International de TAISLF sobre «L'Invention de la Société. De TÉlucidation à PAction», Évora, 8/12 de Julho de 1996.

sobrecarregam os processos, enfraquecem-se as estruturas e difundem-se a desregulação e a desinstitucionalização sociais. O desenvolvimento e a extensão do individualismo afectam, em larga escala, as sociabilidades e as convivialidades. Vão grassando o isolamento, a solidão e a desolação no interior de um mundo cada vez mais urbano ou urbanizado. A crescente exclusão social que se propaga no Ocidente, em resultado da dualização que afecta as sociedades, tornando preocupante o aparecimento de novas «classes perigosas», difunde um sentimento de angústia e de insegurança que põe em causa os ideais da democracia. Os sistemas culturais perdem a coesão interna e a capacidade de enformar a vida social como acontecia no passado. O homem lança-se na busca de novos sistemas de significação para a sua existência e para a sua actividade.

Movimentos contrapostos desenvolvem, por toda a parte, focos de tensão que promovem, por sua vez, diversas utopias militantes. Na base destas utopias, encontram-se algumas tendências estruturantes do campo cultural da Europa e que oferecem recursos disponíveis para a resposta àquelas tensões. A compreensão das utopias como lugares de constituição do sentido parece exigir a individuação dos vectores que estão na sua base.

1. Na formação da cultura ocidental e no processo constante do seu desenvolvimento, existem algumas dimensões, ora em conflito, ora em harmonia, que se entrecruzam, ocasionando especificidades culturais próprias de fases históricas ou de concretos espaços nacionais. Para efeito de contextualização da presente análise, destacam-se, de momento, o espírito apolíneo e o espírito dionisíaco, e a utopia e o milenarismo. Nesta matriz cultural, concebida em termos de tendências fundamentais e não de dicotomias, inscrevem-se as utopias militantes contemporâneas.

As diversas épocas aparecem dominadas quer por Apoio quer por Diónisos e, quase sempre, pela combinação das duas concepções. De acordo com a análise feita por Frederico Nietzsche, e retomada por Oswald Spengler, «o Grego conheceu e sentiu as angústias e os horrores da existência: para lhe ser possível viver teve de gerar, em sonho, o mundo brilhante dos deuses olímpicos». Através da sua ideação, produz e opõe duas modalidades de existência, inspiradas ou pela «beleza apolínea» ou pela «potência dionisíaca». Apoio aparece como «o deus de todas as faculdades criadoras de formas». O espírito dionisíaco, ao contrário, é caracterizado pela exaltação, pelo encantamento e pelo êxtase. As culturas que obedecem à concepção dionisíaca estão colocadas sob o «frémito da

embriaguez» K O antagonismo entre o espírito apolíneo e o espírito dionisíaco penetra e atravessa as culturas e exprime-se nas suas formas de arte e nas suas modalidades de convivialidade.

A modernidade veio a conhecer e a distinguir estas duas grandes ideias associadas a tipos concretos de destino: a ideia apolínea, voltada para a busca da harmonia e da paz, e a ideia dionisíaca que procura a tensão e a exaltação. Na cultura apolínea, concebe-se a existência como um mundo ordenado, onde as instituições visam criar ligames de solidariedade entre os homens e tendem a moderar-se os caracteres ambiciosos. Na cultura dionisíaca, desenvolvem-se a agressividade, a luta constante contra os obstáculos que impedem a existência de se realizar. O homem dionisíaco aspira ao infinito e à dominação total do mundo. Diόνisos e Apoio são os dois pólos de vivência das culturas e de desenvolvimento das sociedades. Estes elementos, embora opostos, encontram-se quase sempre interligados, tornando as sociedades fontes de conflitos, por vezes mesmo de contradições. Se o espírito apolíneo introduz o sentido da medida, da norma e do equilíbrio, o sonho dionisíaco transpõe a imaginação para mundos de possíveis, tentando quebrar as limitações da existência e voar para além das estrelas.

Os tempos modernos, promovendo a individuação e depois o individualismo e libertando em consequência as pessoas dos constrangimentos sociais próprios das sociedades tradicionais, criam assim as condições favoráveis ao desenvolvimento do espírito faustiano e prometeico. Com o individualismo, tende a buscar-se ora as exaltantes sociabilidades difusas e elementares, em subordinação ao espírito dionisíaco, ora os equilíbrios serenos e apaziguantes apolíneos.

Com estas tendências, cruzam-se ainda duas outras dimensões culturais. O Ocidente tem-se visto sempre confrontado com o movimento milenarista, movimento de desespero, e com o movimento utópico, movimento de criação generosa. Estes fenómenos acentuam-se, em especial, em situações de crise, em que se vivenciam conflitos.

As sociedades ocidentais vêm sendo sacudidas, ao longo da sua história, por correntes milenaristas e por correntes utópicas. As primeiras alimentam as aspirações revolucionárias, enquanto as segundas buscam o refúgio seguro em cidades riosas.

---

<sup>1</sup> Frederico Nietzsche, *A Origem da Tragédia*, Lisboa, Guimarães Editores, 1988, pp. 26, 27, 38, 39, 40, 41, 42, 46, 47 e 73; Osvvald Spengler, *Le Déclin de l'Occident*, Paris, Gallimard, 1948; Ruth Benedict, *Échantillons de Civilisations*, Paris, Gallimard, 1967.

O milenarismo aparece como a esperança dos pobres, veiculando a vontade de realização na terra de uma ordem de abundância e de paz. Sendo esperança dos pobres, torna-se, através do tempo, a inquietação dos possidentes. Na sua marcha, desperta sucessivos messias, portadores da promessa de uma felicidade sem fim, na fruição de todos os bens deste mundo. Não são somente as religiões e as novas seitas que lhe dão expressão. O próprio marxismo vem animando, desde o século passado, a esperança messiânica e milenarista.

O pensamento utópico é, ao contrário, uma criação das classes superiores da sociedade que, face às concretas situações de crise, idealizam um futuro planificado e pacificante, onde se encontra a quietude ameaçada no presente. Mais do que quebrar as estruturas da ordem constituída, surge como uma tentativa de suprimir, pelo imaginário, a conflitualidade existente. Fugindo ao constrangimento, liberta o homem da sua angústia, gerando sonhos compensadores numa contra-sociedade.

A utopia procura negar ou superar os conflitos do mundo, transportando os homens para cidades dotadas de espaços que permitem a realização da vida em toda a sua perfeição. Mas, enquanto as sociedades tradicionais tentam, pela utopia, aproximar-se da perfeição das origens, ideando o mito da idade do ouro e querendo evitar mudanças profundas, fixas como estão no tempo, o mundo moderno desenvolve o desejo de encontrar no futuro o seu ideal de perfeição. Ao regresso ao passado, opõe a ficção científica o regresso ao futuro. A utopia tem reaparecido cada vez mais através do poder da ciência, tornada capaz de resolver as angústias do presente. A acumulação do conhecimento racional desperta o sonho do Ocidente. Dele se vem esperando a melhoria das condições de vida e o aperfeiçoamento contínuo da humanidade.

A cultura ocidental, na contemporaneidade, transporta em si este duplo movimento, de marcha milenarista para um futuro de abundância e de regresso utópico à perfeição das origens ou do futuro. Com a ciência e a técnica, estão associadas estas duas tendências, tomando de empréstimo do milenarismo a noção de progresso e de marcha no tempo para o futuro, e da utopia o sonho de uma sociedades harmoniosa e pacificante.

As utopias nascem de um estado de incongruência com a realidade social em que ocorrem. Na acepção que assumem nas grandes construções utópicas da história, desde a *República* de Platão à *Utopia* de Tomás Morus, estão para além da realidade. Como «ideias situacionalmente transcendententes», como as entende Karl Mannheim, não são, no entanto, meras projecções de desejos, ainda que apresentem características de «ilusão» no

sentido freudiano do termo, enquanto derivações dos desejos humanos <sup>2</sup>. São, efectivamente, questionamentos que transcendem o quadro existencial, mas por acção de problemas que lhe são inerentes. Empenhadas no presente, como sonho de fuga a uma realidade conflituosa, contêm uma crítica da *topia*, isto é, do existente, e propõem o equilíbrio e a harmonia. Não são imagens ou fantasias estranhas ao mundo social.

As utopias transcendem as concretas situações sociais e a conotação que, em geral, lhes é dada hoje em dia é a de algo irrealizável. Extravasam o social na medida em que pretendem poupar o homem da angústia do questionamento sobre a significação da deambulação humana. Lugar de sentido, dispensam a sua busca, oferecendo uma significação pré-determinada. Expressam os desejos e dão respostas às inquietações, tirando ao homem o trabalho de encontrar solução para os seus problemas.

As sociedades ocidentais têm-se confrontado ora com a tendência para o milenarismo revolucionário, ora para a esperança utópica de um futuro iluminado pelo progresso da ciência e da técnica. A fuga para os universos fechados da utopia aparece recorrentemente como o sonho de uma sociedade harmoniosa.

As utopias militantes resultam da conjugação da constante aspiração milenarista e do sonho secular da utopia, em combinação com o espírito apolíneo e o espírito dionisíaco. São lugares de sentido, mas também esforço e dinamismo na sua procura. Se transcendem a realidade, convertem-se igualmente em condutas susceptíveis de abalar a ordem das coisas, rompendo as amarras da ordem constituída. Os homens constróem, através da história, sistemas de representação para dar um sentido à vida. Ter-se-ão ocupado mais com universos simbólicos do que com a própria realidade em si mesma, e talvez tanto mais com aqueles quanto mais difícil esta se revela. As imagens desiderativas assumem uma função transformadora nas actuais sociedades. Quando, na verdade, a imaginação não encontra suficiente satisfação no mundo existencial, busca refúgio em contrasociedades desiderativamente construídas para, a partir delas, introduzir mudanças na ordem histórico-social. As utopias, na nossa contemporaneidade, exprimem-se, cada vez mais, em ideias e movimentos que tragam remédio à injustiça social, salvaguarda aos eco-sistemas ameaçados pelas agressões à natureza e pela exploração desenfreada dos limitados recursos naturais, e realização pessoal aos indivíduos. Tendem a ser utópicos os sonhos de reforma da sociedade caída numa situação de crise alargada.

---

<sup>2</sup> Karl Mannheim, *Ideologia e Utopia*, Rio de Janeiro, Zahar, 1968. pp. 216-219 e 229; Sigmund Freud, *L'Avenir d'une Illusion*, Paris, Denoel & Steele, 1932.

A fuga para a utopia militante nasce dos conflitos e contradições que atravessam as sociedades, conflitos e contradições que emergem nos diversos domínios sociais em virtude da explosão da vida colectiva. Multiplicam-se as agências de socialização, diversificam-se as lógicas de acção e pluralizam-se os códigos éticos. Se se difundem as relações sociais, diminui a sua intensidade no interior de cada campo social. A passagem de uma sociedade integrada por uma cultura comum a uma sociedade pluralista obriga os actores sociais a encontrarem o seu próprio projecto existencial dotado de um suficiente grau de sentido. Uma sociedade que explode nos seus espaços, nas suas actividades, na sua significação, dá origem espontaneamente ao despertar de utopias mobilizadoras em acções colectivas.

Sublinhar a importância da utopia é trazer para primeiro plano o carácter central do universo simbólico ou do mundo das representações. Segundo Mareei Mauss, «o fundo íntimo da vida social é um conjunto de representações»<sup>3</sup>. A existência da realidade é antes de mais a representação que dela é feita. Se se verifica por toda a parte uma perda de sentido, é porque deixou de existir a capacidade de representar a sociedade e de hierarquizar-la segundo uma ordem de valores. As representações sociais são percebidas como tendo consequências reais. As sociedades têm necessidade do simbólico e do ritual para dominar o aleatório e para ultrapassar as angústias da incerteza. Não existe sistema social sem simbolizações. Mediante elas, o social é feito e refeito. A intermediação entre o homem e a realidade social é operada através de um mundo de representações. A produção de utopias é, conseqüentemente, uma forma de releitura da ordem existente e um instrumento poderoso posto ao serviço da sua transformação.

As utopias militantes veiculam o sonho do Ocidente na busca de um equilíbrio harmonioso de vida e de um fim comum a atingir para todos. O militantismo promove a realização da utopia, levando à superação da crise existente e à construção de uma nova ordem. Ainda que deixe de estar fixa no eterno presente, a utopia continua a ser aspiração a uma vida perfeitamente regulada.

2. Em diversos domínios da realidade colectiva se exprimem actualmente, com maior visibilidade, as utopias militantes. Poder-se-ão situar alguns desses domínios e individuar as modalidades da sua manifestação.

---

<sup>3</sup> Mareei Mauss, *Essais de Sociologie*, Paris, Minuit, 1971, p. 26.

2.1. As sociedades contemporâneas dão origem à emergência de novos movimentos sociais que pretendem resolver os conflitos existentes no interior da sociedade civil, fora da regulação política do Estado. De modo geral, surgem no seio das classes médias, tendencialmente num espaço inter-classista, vivenciado por uma cultura pós-materialista. No seu movimento, procuram manter a espontaneidade, com recusa de fortes estruturas organizativas e até mesmo de protagonismos pessoalizados. Não são animados por um espírito revolucionário, mas por uma vontade de regeneração da sociedade, em harmonia com as suas próprias aspirações. As sociedades ocidentais, depois de terem vivido sob várias obsessões, parecem ser dominadas cada vez mais pela angústia resultante da ciência e da técnica, num mundo em que cada vez mais crescem as ameaças sem se construírem, em simultâneo, as necessárias defesas.

Os conflitos sociais têm-se vindo a transferir do domínio da economia para o campo da cultura<sup>4</sup>. Na origem dos novos movimentos sociais está menos o controlo da produção e do trabalho do que a busca da qualidade das condições naturais e sociais da existência. A lógica da quantidade cede o lugar à lógica da qualidade, quer seja a qualidade na competição económica, no desenvolvimento social e no enriquecimento cultural. O controlo da quantidade fez surgir, nas sociedades industriais, a força das ideologias. Com a procura da qualidade, própria das sociedades pós-industriais, aparece a utopia. O investimento na qualidade aparece ligado à libertação e liberdade humanas. Desenvolve-se, por isso, em meios potenciadores de novos sentidos para a vida. Símbolos identificadores e mobilizadores alimentam a sua força de acção, com a abertura utópica a outros mundos.

O movimento estudantil, sensível às situações de crise e de conflito que se anunciam na sociedade, mas numa situação de dependência e de falta de integração dos jovens, tende a transferir para o futuro o melhor das suas esperanças, sem permitir usufruir, sempre e de forma total, o presente. A sua energia é promovida nos centros onde se produz o conhecimento e se gere o futuro. O movimento feminista, provocando quer a luta pela igualdade quer o combate pela especificidade, pretende denunciar toda a espécie de dominação, tanto social como sexual. No seu horizonte, está a extensão dos direitos do homem e o alargamento da cidadania, com a supressão das discriminações. Apresentando modalidades e tendências diferentes, não tem accionado grandes mobilizações. Os movimentos nacio-

---

<sup>4</sup> António Teixeira Fernandes, «Conflitualidade e movimentos sociais», in *Análise Social*, 123/124, 1993, pp. 787-828.

nalistas e regionalistas vêm explorando, em diversas regiões da Europa, símbolos identificadores que valorizam a cultura própria de cada sociedade ou micro-sociedade. Em muitos casos, accionando afirmações antagónicas de identidade, põem em causa a unidade formada pelos Estados modernos e advogam o regresso a formas mais próximas de cidadania. Os movimentos ecologistas, tornando indissociáveis os direitos da terra e os direitos do homem, criticam os modelos de desenvolvimento postos em acção pela sociedade industrial. O homem, porque é um ser que habita, não tolera mais que se destrua o seu ecossistema e se esgotem os recursos limitados da natureza. Numa sociedade programada e burocratizada, os movimentos religiosos, mobilizam a subjectividade em comunidades emocionais, pondo em causa o monopólio clerical da verdade e da gestão dos bens simbólicos. São, frequentemente, inspirados por um certo fundamentalismo. Imersos numa tensão escatológica, pretendem fazer face à destruição da ordem do mundo e à sua crescente racionalização, em sintonia com o cosmos que faz despertar, por vezes, a nostalgia da ruralidade idealizada. Da religião, recebem os símbolos identificadores e mobilizadores. Os movimentos xenófobos e racistas alastram por toda a Europa, congregando a suspeição em relação ao diferente e ligando-se estreitamente a ideologias conservadoras. Como fuga à inquietação e à situação de crise, desencadeiam um fenómeno de relativo fechamento das populações locais e dos Estados. A par da violência e do terrorismo, que vão grassando pelas sociedades, os movimentos pacifistas são marcados pela defesa dos direitos do homem, com uma orientação mais polemológica ou mais utópica e laudatória da paz.

Nos novos movimentos sociais, manifesta-se a força mobilizadora da utopia. Esta desenvolve e transporta as sinergias sociais para mundos onde os conflitos e as contradições sociais se resolvem na harmonia total do existente. Há uma estreita conexão entre relação social constituída em conflitualidade, acção colectiva e movimentos sociais. As utopias militantes encontram nestes uma forma de relativa realização.

2.2. O ser humano é essencialmente um animal político. O ideal de democracia concita muitas das esperanças de vivência social equilibrada. Durante longo tempo dominadas por fortes ideologias, as sociedades parecem entregar-se, cada vez mais, à utopia. Ideologia e utopia são duas expressões do imaginário social. São, porém, as utopias que põem em ebulição o mundo político, projectando na idealidade algumas aspirações humanas. Constróem sociedades ordenadas de acordo com a justiça, ao

abrigo de qualquer tipo de resistência ou entrave. Nelas se realizam a liberdade, a igualdade e a paz perpétua, sem grande envolvimento das paixões humanas. Não quer dizer que se tenha consumado o fim das ideologias. A crescente secularização das sociedades não arrasta consigo, de forma necessária, a sua morte. Os debates ideológicos tendem a renascer por todo o lado. Não será sequer pensável a vida colectiva sem conflitos e sem ideologia. As sociedades parecem ser tanto mais produtoras de ideologia quanto mais empenhadas se mostram na reprodução social. A utopia é a porta aberta à produção social.

O mundo ocidental alimenta, desde os últimos séculos, o sonho da democracia, pondo em acção movimentos de libertação e de liberdade. Complexificando-se, dão, no entanto, lugar, e de forma rápida, a sistemas programados, solidificados por ideologias que impedem os voos da aventura que a liberdade potência.

As utopias militantes, no domínio político, fazem despertar o ideal da democracia directa, em substituição ou em complementaridade das democracias representativas. A sociedade da igualdade funda-se na total equivalência do tecido social, e a sua realização está no centro do processo de invenção da modernidade. A utopia da igualdade política é posterior à utopia de uma sociedade economicamente igualitária. A história contemporânea do político inaugura-se com a questão da igualdade política e da cidadania. A democracia reveste-se de um certo carácter de religião ao celebrar a mística sociedade de iguais. Neste sentido, Carl Schmitt considera a igualdade como uma utopia da democracia. Esta utopia, sobretudo sob a forma de democracia directa e participativa, aparece como o sonho da espontaneidade contra a formalização, da relação pessoal contra a burocracia, da aventura em liberdade contra a excessiva regulamentação. Mais utópico é ainda o Estado *eudemonológico*, cuja função principal consistiria em tornar as pessoas felizes, como se ao Estado competisse tal tarefa.

As utopias da burguesia ascendente enalteciam a ideia de liberdade, fazendo dela um factor de transformação social e de construção de uma nova ordem colectiva. As utopias actuais acentuam o ideal de igualdade e de participação total. Mas ambas surgem do conflito com a realidade existente.

2.3. Na construção do espaço social das cidades, as utopias militantes inscrevem-se em planos de reordenamento do território e de urbanismo, originando o reaparecimento da visão da cidade radiosa, com a sua

divisão em espaços, com a delimitação dos seus quarteirões. Através da funcionalização dos serviços e da distribuição das zonas verdes, procura-se introduzir a ordem na vida agitada e confusa dos grandes centros urbanos. As novas cidades, nos seus diferentes modelos, exprimem um sonho do Ocidente, a sua vontade de harmonia face à crescente complexidade da existência. As aspirações utópicas, neste domínio, espelham as dificuldades da vida nascidas dos constrangimentos sociais e físicos, e a vontade de refúgio nas miragens de um futuro planificado.

O espaço urbano, outrora carregado de sinais identitários, vai perdendo, com a urbanização difusa, muita da sua anterior capacidade de criar e de oferecer expressões de sentido, à medida que se opera a homogeneização do seu tecido. Tal situação desencadeia a imaginação utópica.

2.4. O campo laboral é igualmente um espaço de utopias mobilizadoras. A empresa actual exige um trabalho integrado ainda que, em contrapartida, se encontre inserida numa sociedade cada vez mais fragmentada -\ A existência dos indivíduos desenrola-se em numerosas cenas, cada uma com a sua lógica própria. Multiplicando-se os lugares de socialização e diminuem de intensidade, no seu interior, os ligames sociais. A vida humana é experienciada numa pluralidade de espaços sociais e culturais não integrados.

A partir do momento em que as sociedades perdem a coesão e a integração próprias do passado, as pessoas são obrigadas a reconstruir permanentemente projectos de vida dotados de sentido. Tal tarefa é, ao mesmo tempo, tanto mais necessária e difícil quanto mais se multiplicam os lugares de actividade e de significação. Nas sociedades fragmentadas, as instituições deixam de desempenhar as suas funções de outrora, diversificam-se os serviços que as substituem e tornam-se mais frágeis, isto é, menos constrangedores e menos duráveis, os ligames sociais.

No mundo laboral, desenvolve-se, em contrapartida, um movimento contrário, orientado para a integração das competências, das instâncias de

---

<sup>5</sup> A. Gorz, *Métamorphose du Travail. Quête du Sens*, Paris, Galilée. 1988; Jean-Baptiste de Foucauld e Denis Piveteau, *Une Société en Quête de Sem*, Paris, Éditions Odile Jacob, 1995; Frédéric de Coninck, *Travail! Integre, Société Éclaté*, Paris, PUF, 1995; D. Mothé, *LVtopie du Temps Libre*, Paris, Seuil. 1995. Sébastien Roché, *La Société incivile*, Paris. Seuil, 1996; Hugues Lagrange, *La Civilité à l'Épreuve*, Paris, PUF, 1995; Dominique Meda, *Le Travail!, une Valeur en voie de disparition*, Paris, Aubier, 1995; Bernard Perret, *L'Avenir du Travail!. Les Démocraties face au Chômage*, Paris, Seuil, 1995.

discussão, de decisão e de trabalho. Estes elementos constituídos em diversos lugares sociais tendem a associar-se correntemente no espaço da empresa.

Nesta nova situação, torna-se difícil a fidelização dos salarizados. A racionalidade instrumental, que se impôs e se tornou hegemónica com a revolução industrial, deixa de ser adequada às novas condições de produção. A integração no trabalho é portadora de uma lógica que poderá fazer acentuar a importância da ética da responsabilidade tematizada por Max Weber. Tal ética cresce em necessidade na medida em que os indivíduos se encontram no cruzamento de diferentes sistemas morais incorporados nos processos de socialização, em espaços institucionais diversificados. Com o fim da ética do trabalho, tanto liberal como socialista, novos códigos se postulam para a empresa, no respeito de valores e de relações afectivas. A fidelização dos salarizados passa por uma específica cultura de empresa, que estreite relações e empenhe em objectivos comuns. Para além de um certo limite, torna-se mesmo anti-produtiva a precarização do trabalho, porque conduz a uma crescente desresponsabilização no trabalho.

Uma das utopias militantes que se encontra no mundo laboral actualmente consiste na produção de novos ligames sociais. A utopia aparece sob a forma de recusa de reduzir tudo a mercadoria, como o pretendia o desenvolvimento capitalista. Repensando a actividade e as relações laborais, pretende-se devolver-lhe a sua capacidade criadora. A questão do trabalho é também a do sentido da própria actividade humana. As exigências do mercado não podem ser satisfeitas à custa da alienação no trabalho. Um projecto emancipador no mundo produtivo faz restituir ao operário a força da sua inteligência e o seu papel de actor.

Ao lado da formação inicial e contínua e dos adequados sistemas de comunicação, os ligames de pertença à empresa reforçam as motivações para o trabalho. Aumenta a procura social da educação, mas exige-se, em simultâneo, o trabalho em equipa, com a mobilização conjunta das diversas racionalidades e dos diferentes códigos éticos. Suscita-se um sentimento de unidade, na permanente fuga para a frente, como busca de progresso e de perfeição. Adquirem, desde então, a sua centralidade a gestão da inovação do produto e a gestão da inovação do processo.

2.5. As utopias militantes, no domínio religioso, desenvolvem-se, em particular, no campo dos novos movimentos religiosos e das seitas. Se, nas sociedades sacrais, necessariamente holistas, o que confere signifi-

cado à vida vem do exterior, no mundo moderno são os homens que tendem a produzir a sua própria história, de acordo com o sentido e a finalidade que lhe atribuem. Ora, uma sociedade que se produz a si mesma coloca-se fora da estrutura e do tempo da religião, porque perde a capacidade de despertar na consciência dos indivíduos a ideia de superioridade e de transcendência.

A dessacralização do universo, com a reificação do mundo e a destruição de todo o horizonte para além dele, traz consigo uma nova busca de sentido, que se traduz na procura de um universo simbólico indispensável à existência humana. Com a dessacralização do mundo, a única razão para o que é fundamental ao homem é a razão da vida. Os universos simbólicos susceptíveis de gerar sentido tendem actualmente a converter-se em ordens de sagrado. É sagrado tudo o que exalta, enaltece e responde às grandes questões postas pela existência. A vida é invenção de si mesma e o sagrado é uma força poderosa dessa reinvenção.

As sociedades pós-industriais e pós-materialistas dependem mais do futuro que escolhem do que do passado que herdaram, sendo mais inclinadas a criar sentido do que a reproduzir rotinas. Vive-se, na verdade, num tempo de criação de sentido para a presença do homem no universo, que se manifesta por vezes na renúncia à razão que decepciona e no regresso ao irracional que encanta.

No processo de recuperação da sacralidade do homem, a religião surge como um campo propício à emergência de utopias, proporcionando fortes protagonismos e desenvolvendo uma força de mobilização. Tal capacidade cresce com a profundidade da crise moral ou crise dos fundamentos da moral cívica e das modalidades de regulação social. O movimento utópico, no seio das religiões, tende a assumir normalmente direcções opostas: a direcção da unidade e a direcção da fragmentação. As duas orientações estão em acção no mundo contemporâneo.

3. A situação de dualização das sociedades faz com que os problemas da inserção social sejam, cada vez mais, o resultado da inter-conexão de uma tríplice crise: Crise do emprego, crise da relação social e crise do sentido. A experiência pessoal de cada um constitui um todo onde estes diversos elementos tendem a coexistir ou a dissociar-se, dando origem à integração ou à ruptura.

No mundo ocidental, vão alastrando as manchas da exclusão social. Com o desemprego, rompem-se os ligames sociais e destrói-se o sentido da identidade. O desenvolvimento deixa de ser global e solidário, com a

perda, por parte de segmentos consideráveis da população, da capacidade de reencantamento do mundo. A grande questão social, neste final de século, é essencialmente uma falta de sentido, porque se dissolveram os ligames sociais e as pessoas caíram em estado de permanente desemprego.

Com o grande avanço científico e tecnológico e a sua aplicação ao sistema produtivo, desloca-se o lugar do trabalho e altera-se a sua significação. São permanente exigência a multiplicação das iniciativas empresariais, a contínua formação profissional e o cultivo de qualidades de relacionamento social em que seja valorizada a criatividade.

A exclusão do mundo do trabalho reduz o campo das relações sociais, fragilizando as redes de sociabilidade que permitem a inserção social. As grandes estruturas integradoras, como a família, os círculos de amigos e de colegas, desintegram-se. A diminuição de intensidade dos ligames sociais coexiste com o crescimento eventual do número das relações sociais, mais ou menos periféricas ou mesmo formais, próprias das complexas sociedades urbanas. Os ligames sociais são recompostos fora de um espaço relacional completo. Crescem as dependências, enquanto se seleccionam aqueles que são mantidos no processo produtivo.

A crise de sentido, numa tal situação, consiste na incapacidade que revelam as sociedades de oferecer objectivos colectivos e individuais suficientemente mobilizadores, susceptíveis de proporcionar às pessoas o desempenho de tarefas úteis e a afirmação da sua identidade.

A dualização da sociedade gera um movimento de dispersão. Uma parte tem acesso ao trabalho, está inserida numa rede alargada de relações sociais e encontra uma representação de si mesma, que lhe confere uma forte identidade positiva. Existe, em contrapartida, uma outra parte da sociedade sujeita a uma espiral de fragilização, excluída como está do emprego, de um conveniente ligame social e do sentido. Com o encurtamento do espaço de relações sociais, diminui também o sentido e, onde se perde o sentido, enfraquece-se a relação do homem com todo o existente. As sociedades globais confrontam-se, em consequência, com problemas novos de enorme alcance. Os grandes sistemas de sentido, constituídos por ideologias englobantes, têm vindo a ruir. O estado de dependência em que caem largas camadas da população, por efeito da exclusão social, priva-as de sentido para a existência. Mas ninguém pode ser desapossado da significação. A coexistência de sentido e de não sentido retira à sociedade coesão e harmonia, acabando por fazer perder sentido mesmo a vidas aparentemente com sentido mas dessolidarizadas.

A tarefa que cabe a cada um, de buscar o sentido que entende dar à sua vida, postula um espaço de liberdade e de solidariedade. Mantém a sua actualidade a afirmação de Max Horkheimer de que «o crescimento da universalidade formal da razão burguesa não significa que cresça a consciência da solidariedade universal»<sup>6</sup>. Não pode encontrar significação quem não dispõe de meios adequados. E o sentido encontrado é precário quando não é partilhado. A privatização do sentido desloca o problema para a própria recomposição do seu acesso. Sem contacto com o outro, não se sente a sua necessidade. Numa sociedade atomizada, diluem-se os espaços de proximidade. Na ausência de partilha, não há verdadeiro sentido, porque homem algum é uma ilha. Se a sociedade democrática é um lugar de busca de sentido é porque constitui um espaço onde a partilha global, em que entram o trabalho e as relações sociais, aparece como o grande gerador de sentido. A cidadania plena é uma condição indispensável à plena vida na cidade. A exclusão surge, nesta perspectiva, como a privação do sentido colectivo. Este não existe se para ele não concorrem todas as capacidades e todas as parcelas de sentido existentes na sociedade.

Diminui a possibilidade de acesso à condição de pessoa, quando não se promove em paralelo, a interioridade e a identidade de cada um. Sem autonomia pessoal, fica comprometida a busca global de sentido. Compete à sociedade criar a situação em que se proteja a iniciativa individual e se garanta a cooperação social. Tal é o projecto de uma sociedade democrática participativa e solidária, a única que se revela capaz de produzir o necessário sentido existencial para todos.

4. As actividades carregadas de sentido são as que têm a capacidade de oferecer uma resposta às aspirações do homem. Respondem a tais aspirações as actividades que tendem a ser fonte de identidade e de identificação. Têm vindo a perder sentido o tempo homogéneo da repetição indefinida das coisas, o espaço crescentemente descaracterizado da urbanização difusa, a apatia e a formalização da vida política, a fragmentação da actividade laboral e a desagregação da família. A cultura moderna procura a sua autonomia na prática política, na actividade laboral, no relacionamento social, na produção da ciência, na elaboração do pensamento e na criação de imaginário colectivo, mas estes diversos domínios apresentam-se hoje fragmentados, nem sempre portadores de sentido e sobretudo sem se integrarem num todo.

---

<sup>6</sup> Max Horkheimer, *Eclipse de la Raison*, Paris, Payot, 1974, p. 207.

Em todos os lugares de busca de sentido tendem a emergir utopias mobilizadoras. Ao lado de uma relativa crise de valores, assiste-se, na verdade, a um surto de utopias. Porque se confrontam, em luta permanente, diversas ordens de valores e porque, na complexidade da vida, os homens aspiram a um mínimo de harmonia e de segurança, buscam-se mundos imaginários de refúgio.

Os grandes problemas que se levantam, neste final de século, são os da perda de sentido da existência e do futuro da cultura. O tempo e o espaço deixam de ter sentido em função da rentabilidade e da eficácia. As sociedades voltam-se de preferência para a cultura considerada como o grande operador de produção de sentido.

Enquanto as sociedades modernas tentam lançar os fundamentos das sociedades futuras, através da construção de utopias mobilizadoras, tornam-se igualmente incapazes de resolver os problemas mais angustiantes. Abertas à globalidade mas com graus diversos de fechamento, dão origem a conflitos e a lutas. O tecido social constrói-se e transforma-se mediante relações de cooperação e de conflito. Mas se, no passado, a grande ilusão consistia na esperança de que o capitalismo mediante o mercado autorregulador ou o socialismo de Estado pudessem deter as chaves do futuro, a utopia de hoje quer afirmar, antes, que as pessoas têm a capacidade de tomar nas próprias mãos a sua vida pessoal e colectiva. Ao mesmo tempo que vêm conhecendo o progresso, as sociedades sentem também que o meio ambiente se degrada, os perigos nucleares se avolumam, a violência e a agressividade urbanas se alastram, e a ciência e a técnica apresentam efeitos fortemente nefastos.

O perigo, no processo de produção de utopias, consiste em transformar as utopias em mitos, esta outra modalidade de oferecer um sentido à existência. Algumas utopias assumem a forma de mitos reificados. Mas mais do que a utopia, o mito converte-se facilmente em instrumento de manipulação.

No mundo das utopias, se encontra a percepção da sociedade futura que emerge na nossa contemporaneidade. Entram nelas em acção identidades fortes e projectos sociais mobilizadores. Na identificação dos actores que actuam no processo de mudança e das inovações que eles protagonizam, consiste o estudo de grande parte dos novos espaços de sentido. Este é um campo de grande importância aberto à análise sociológica: Tal perspectiva permite atender simultaneamente à ordem social em funcionamento e aos universos simbólicos construídos pelos processos de ideação humana. A acção social é uma função destas duas ordens de realidade.

A conduta em sociedade refere-se a concepções mais ou menos irreais, mas dotadas de capacidade de dinamização. Accionando o imaginário de uma época, as utopias transformam-se em realidades em épocas posteriores. Como afirma Lamartine, «les utopies ne sont souvent que des vérités prématurées». À sociologia compete estudar a conversão das utopias em ideias e forças activas, em função de concretas estruturas sociais, na medida em que elas recrudescem em contextos de particular tensão com a ordem existente.

Não é, porém, sua tarefa inventar a sociedade, mas somente ajudar esta a inventar-se e a produzir-se a si mesma. A leitura da realidade social produz já por si, em sua medida, a sociedade ao abrigo de projectos que envolvem necessariamente uma grande carga de irracionalidade e de voluntarismo. A lei da bipolaridade dos erros, tematizada por Gaston Bachelard, está, por vezes, presente na prática científica sociológica, mas deve ser superada. Conhecer é certamente a forma, ao alcance da ciência, de ajudar a nascer uma nova sociedade.